

2018/05/08

Irão e Coreia do Norte, o mesmo tipo de problema ou problemas diferentes?

Alexandre Reis Rodrigues

O Irão e a Coreia do Norte encaram a posse de um arsenal nuclear e uma capacidade diversificada em mísseis - de cruzeiro e balísticos - como um elemento central das respetivas estratégias de segurança nacional, para garantir a sobrevivência dos respetivos regimes.¹ Têm o mesmo entendimento sobre a necessidade de serem reconhecidos como potências nucleares, embora, no caso iraniano com a "nuance" de ter considerado suficiente, pelo menos para já e por motivos táticos, o estatuto de "potência nuclear virtual",² querendo isto dizer que domina a tecnologia necessária e pode a qualquer momento, entrar na fase final de construção de armas nucleares.



A partir daqui a caracterização das situações diverge significativamente em vários aspetos, nomeadamente no risco de evolução para uma situação mais complicada, no envolvimento de vizinhos a nível regional e no ambiente geral de conversações. São aspetos que as tornam diferentes, mas não ao ponto de poderem ser tratadas isoladamente. Admitir que não se influenciam mutuamente seria erro grave. Corresponderia a ignorar que os líderes dos dois países – Irão e Coreia do Norte – estão a seguir cuidadosamente o que se passa no outro caso para retirar ilações sobre as verdadeiras intenções dos EUA e antecipar os próximos passos

Com o Irão prevalece uma onda de pessimismo que se agravará com a possibilidade de os EUA abandonarem o acordo nuclear, desfecho que os europeus, regra geral, não apoiam e a que Teerão reage de forma muito desafiante, não excluindo, entre outras medidas, a possibilidade de abandono do Acordo de Proliferação Nuclear. No entanto, não é seguro que a possibilidade de os EUA adiarem mais uma vez a saída do acordo permitirá melhorar o ambiente. Israel encarregar-se-á de tudo fazer para impedir (nomeadamente pela força) que o Irão se torne uma potência nuclear e que se "instale" na Síria. O risco de uma confrontação não tem parado de crescer com a iniciativa iraniana de continuar a consolidar a sua presença militar na Síria.³

Ao contrário do que acontece com o Irão, o que domina o ambiente com a Coreia do Norte é uma onda de otimismo, não obstante as suas bases não terem um mínimo de consistência. Na melhor hipótese, trata-se apenas de um primeiro passo de um novo caminho que demorará anos a percorrer e em que ninguém espera progresso para o curto prazo. No entanto, tem sido quanto basta para a iniciativa ser

¹ A imagem ao lado é de um "cartoon" publicado no jornal "Haaretz", 6 maio 2018

² É também a posição do Japão, por exemplo. A Arábia Saudita também não andar-á afastada dessa realidade.

³ Israel efetuou mais de cem ataques aéreos "cirúrgicos" sobre posições iranianas na Síria, desde 2012.

consensualmente saudada como algo que vai ajudar a trazer estabilidade para a região.

No entanto, o seu desfecho está dependente do que os EUA decidirem aceitar no campo das pretensões de Pyongyang em manter o estatuto de potência nuclear. Poderão aceitar um arsenal nuclear limitado, mas com restrições na capacidade de mísseis balísticos? Poderão concordar com a redução da atividade militar na região, o que seria uma grande concessão a Pequim?

Discute-se muito se os EUA fizeram bem ao decidir tratar dos dois casos em simultâneo e deixar agudizar o relacionamento com Teerão num momento em que se tenta deixar a diplomacia funcionar com a Coreia do Norte, aproveitando a mudança drástica de postura empreendida por Kim Jong un, ao fim de seis anos de poder caracterizados por um endurecimento brutal da hostilidade contra os EUA.⁴ Como interpretará o líder coreano a posição dos EUA em relação ao Irão? Concluirá que não se pode confiar em acordos com os EUA? Ou interpretará a posição dos EUA na disputa com o Irão como indicação de que não farão cedências do género que o Presidente Obama aceitou, ao deixar de lado do acordo o arsenal de mísseis?

Uma outra diferença importante entre as duas situações ocorre na circunstância de que, ao contrário do caso iraniano, na Coreia do Norte as negociações cobrem um leque de assuntos mais vasto do que a questão nuclear. Têm subjacente a assinatura de um acordo de paz em substituição do armistício de 1953 – que estabeleceu a zona desmilitarizada e um cessar fogo - e o tema da reunificação da península. O primeiro ponto pode estar relativamente próximo. O segundo está certamente distante e terá que contar com a oposição da China que não querará abdicar do efeito de “*buffer*” que consegue através da manutenção de Pyongyang na sua órbita.

⁴ Nos seis anos que já concluiu à frente da Coreia do Norte, Kim Jong un manteve-se num isolamento internacional quase total não se encontrando com qualquer líder de outro país e assumiu uma postura extremamente agressiva para com os EUA, Coreia do Sul e Japão, ignorando todas as resoluções das Nações Unidas. Em 2017 efetuou 21 testes de mísseis de cruzeiro e balísticos, incluindo um intercontinental em 3 de setembro. Tudo mudou nos primeiros três meses deste ano.